

ENTREVISTA | YANE MENDES

“NUNCA TIVEMOS O DIREITO DE FICAR EM CASA”

“**S**ou Yane Mendes, jovem, preta e favelada, da favela do Totó, em Pernambuco”, ela se apresenta, logo no começo da conversa com a Radis. Para esta comunicadora popular, a pandemia escancarou as desigualdades no país e a melhor maneira de vencer o isolamento — apesar de uma aparente contradição em termos — é com ações coletivas. Ao lado de dois amigos — Nanda Paixão e Rick Almeida —, Yane criou a Rede Tumulto, um grupo de comunicação e produção de conteúdo para periferias, e integra pelo menos outras três iniciativas de articulação entre favelas. Aqui, ela conta como têm sido os dias em sua comunidade desde a chegada do novo coronavírus. “As pessoas estão tendo que fazer escolhas: ou eu compro material de higiene ou eu compro comida.”

Como a pandemia atinge a favela do Totó e como altera a vida dos moradores?

O que tenho visto de alteração é a expressão de preocupação das pessoas. As pessoas que sempre tiveram suas dificuldades, hoje estão lidando com um inimigo que não é visto. Pra quem já vivencia tanto a violência, é muito difícil acreditar que existe agora mais uma maneira da gente morrer. Porque na periferia a gente já tem medo de morrer de fome, medo de precisar de um serviço precarizado do SUS, como ele está hoje, já vive sempre sobrevivendo, nunca vivendo. A pandemia bate na favela de uma maneira diferenciada. Para nós, nunca foi garantido esse direito de ficar dentro de casa. A gente costuma conversar muito e dialogar sobre o direito à prevenção. A gente queria o direito de se prevenir. Porque aqui, a maioria das pessoas não trabalha com carteira assinada e, agora, ou está recebendo com desconto, quando o trabalho é informal mas tem um patrão, ou está sem conseguir fazer sua atividade remunerada. E todos estão com a mão na cabeça preocupados porque as contas não param de chegar.

Diante dessa impossibilidade de ficar em casa, como as periferias têm se comportado?

É o medo de morrer de fome que está fazendo as pessoas saírem de casa e até um pouco negligenciar toda a ação de cuidado. Essa hashtag #FiqueEmCasa é uma hashtag muito elitizada. Na favela, essa é uma realidade utópica. Finalmente estão vendo que somos nós da periferia que movimentamos tudo. A gente que vai na padaria fazer

o pão para a classe média comprar. A gente que precisa acordar três horas mais cedo para pegar dois ônibus e ir pra casa de uma patroa. Estamos vivenciando uma crise e um impacto econômico muito grande. É como se antes as coisas fossem difíceis e, agora, mais difíceis ainda. As periferias reagem de maneira diferente. Em algumas delas, está tudo funcionando normalmente. As pessoas estão nas ruas. Os comércios pequenos têm que abrir porque são pequenos empreendedores que vendem para poder comer naquele mesmo dia.

Quais os cuidados possíveis em uma realidade onde falta água para higiene das mãos ou dinheiro para álcool em gel?

Essa é uma das questões que a gente vem tratando bastante: o direito à prevenção, entendendo que muitas comunidades não têm nem o direito à água. Tem comunidades inclusive que nem têm saneamento básico. Então, fica bem difícil porque a gente não tem acesso à maioria dos métodos de prevenção que estão sendo divulgados pelos meios de comunicação. Se não temos direito à água, se muitas vezes não temos sabão, o álcool em gel, nem sonhando... Poucas são as pessoas na minha rua que tem 20 reais pra dar numa garrafinha de álcool em gel. As pessoas estão tendo que fazer escolhas: ou eu compro material de higiene ou eu compro comida.

Como sobreviver ao vírus e para além do vírus?

A gente luta por esse direito à prevenção, inclusive teve um documento que foi escrito pela Frente Corona nas Periferias — um grupo que reúne comunicadores de periferias e favelas de todo o país — e que fala sobre todas essas questões que não estão sendo olhadas dentro desse desenho de pandemia. [Leia a íntegra aqui: <https://bit.ly/2VoBbjX>]. Como é que as pessoas que precisam realmente sair pra trabalhar estão fazendo? Ou o que fazer quando precisamos sair para comprar alguma coisa na hora que conseguimos um trocado? A gente sabe que é certo chegar, tirar logo a roupa e lavar essa roupa, mas é impossível, por exemplo, numa comunidade como o Totó, em que a água só chega de quatro em quatro dias, seguir essa rotina. Nesse grupo Corona nas Periferias, a gente está dividindo as estratégias que estão funcionando nas favelas Brasil afora, aí pensamos: o que eu posso espelhar e trazer pra minha favela, entendendo que cada um de



Yane Mendes (de camiseta preta e máscara cor-de-rosa), Willian Anthony, Henrique Matheus e Danilo Mendes (de pé); Edilene Mendes, Aliné Mendes e Karolayne Beatriz (sentadas), em uma ação de comunicação da Rede Tumulto, em Pernambuco

nós tem a nossa identidade dentro das periferias. Mas pensamos: o que pode funcionar? O que tá acontecendo na Maré que eu podia puxar e inventar no Totó? O que tem no Totó que eu posso levar para um outro estado ou um outro bairro?

Que alternativas vêm sendo criadas pelos próprios moradores em sua região?

Muitas questões levantadas agora na pandemia (porque a desigualdade que a gente vivencia está sendo desmascarada) já existem há muito tempo nesses lugares periféricos. Ou seja, a gente dá um jeito de sobreviver. Por exemplo, quando não tem nada dentro de casa, poder falar com o amigo que tem pouco e ainda assim ele divide. Ou: acabou o gás, como é que faz uma cotinha pra fortalecer aquela pessoa? Acho que isso sempre teve que existir nas nossas vidas, não é algo novo. Então, a gente está fortalecendo as redes que já existem e expandindo essas estratégias diárias.

Como vocês vêm trabalhando na Rede Tumulto?

A gente usa a linguagem da favela, mais direta, com mensagens curtas, e sai colando esses recados ao lado dos cartazes oficiais, que têm linguagem mais técnica, em alguns pontos dos bairros e do comércio. Procuramos usar a comunicação de uma maneira efetiva e propositiva dialogando para fomentar essa rede e conseguir também alimentos pra distribuir entre as periferias. Fazemos

“vaquinhas” [veja aqui: <http://vaka.me/997637>]. Essas redes acabam sendo uma rede de combate à fome. Mais do que nunca, precisamos fortalecer os coletivos que trabalham nas periferias, em diversos territórios; as campanhas para arrecadação de alimentos; as tentativas de conseguir fundo emergencial; a troca de ideias. Assim, acabamos fortalecendo uns aos outros.

Qual o papel dos coletivos diante da guerra de informações que vivemos hoje?

Além de desenvolverem essas ações, acho que os coletivos de periferia têm uma importância ainda maior: registrar a memória do que a gente vem fazendo. A gente precisa deixar registrado como a favela enfrentou tudo isso. Não são os 600 reais de um auxílio emergencial de três meses que vão salvar a gente. A gente já vem lutando para se prevenir, se fortalecendo e isso tem que ficar creditado à periferia. Ao mesmo tempo em que a gente deixa demarcado que somos nós os favelados que estamos fazendo por nós mesmos, também temos que criar documentos para denunciar esse abandono do Estado. Essa desigualdade está cada vez mais escancarada. Acho que o nosso papel de comunicador também é o de informar, tirar as dúvidas, desmascarar as fake news, escutar o outro mais do que nunca. (ACP)

■ Leia entrevista completa no site de Radis.